

1. Poraquê

Aquela revista velha do museu. Sim, a data, acho que 1902. Seria do meu avô? Meu avô não era de colecionar coisas! Dava tudo a cada vez que se mudava. E, quem passasse na fazenda e gostasse de alguma coisa, ele presenteava. Desta vez, pela encadernação, pelo jeito que a revista estava guardada, seria algo importante pra ele ter conservado. Seu título também era pomposo: *Maravilhas da Natureza da Ilha de Marajó*. Sim, do Marajó ele arquivava tudo, qualquer papelote, recorte de jornal, bilhete de navio...

Seria do tempo do suíço? Eu a percorri, curioso, folheando as páginas que se desprendiam, lendo os textos de cabo a rabo, os rodapés, os reclames, cada uma das legendas. E como era ilustrada! Claro que se tratava de

uma revista em duas cores. As manchas imensas do bolor invadiam indiscretamente diversas páginas. E parte do colorido se perdera.

A bicharada, as plantas, as *curiosidades* da Ilha, a ferra, o peixe-boi, o boto, a corrida de cavalo, a pororoca... A indefectível sucuri gigante que morava embaixo de cada igreja... A velha e insolúvel relação da igreja e as cobras? O jacaré, aquele que os vaqueiros diziam ter 500 anos e nem as balas de fuzil penetravam a sua carapaça. Pros autores, esses sáurios estariam ali antes mesmo de qualquer português vir morar pro lado de cá. O gado europeu e sua chegada à Ilha, o boi curraleiro, de longos chifres.

Na revista, a novidade eram os búfalos. Sempre uma fantasia que muitos fazendeiros faziam questão de florear. Certamente, estes estavam entre os primeiros animais, na feita que a revista elogiava o pioneirismo e a intrepidez das famílias de nomes indígenas que apareciam nas fotografias. Ali se mostravam raquíticos ao sair dos navios oceânicos, jururus, bem diferente do que hoje se os conhece, pingando gordura de tão graxos.

De verdade, a piramboia foi o bicho mais esquisito, o que me entreteve a valer. Claro que eu já a vira no campo, e quantas vezes... É da sabedoria do animalejo que não atinava. Aprendi foi muito naquela revista. Depois de lê-la atentamente, passei a repetir aos meus visitantes a história deste peixe pulmonado. Decorei o nome científico: *Lepidosiren paradoxa*. Cantava o nome enigmático num latim

chiado, falava dos milhões de anos para sua evolução no meu lari-lari intelectualoide. Depois, explicava que *Lepi* se referia à escama e *siren* ao ser da mitologia grega, um pouco mulher e outro tanto pássaro. Falava do poderoso Odisseu, amarrado ao mastro de seu navio, para escapar às terríveis sirenas. Tudo no mais perfeito grego antigo, no tempo que as sereias ainda nem eram peixes. Isto impressionava a todos! E seguia...

Na seca se enfurna nas poças dos terroados. Ali se embioca no verão. Nem se incomoda com a falta d'água. Troca a respiração de peixe por um pulmão de bicho-grande. Ali sobrevive, labregando, no aguardo de seu tempo, um verdadeiro ribeirinho, um bicho-palustroso. Até que as águas espoquem tudo. As águas. As águas grandes, as verdadeiras. As que vêm de cima e de lado, de baixo e de dentro.

Meio dormindo, meio acordado, divagava sobre o tamanho da próxima cheia. A maré sempre tufando... Só os barqueiros pra comprovarem os boletins da meteorologia. Ainda teremos pasto este ano? O que se vai fazer da boiada?

Despertei desse torpor, entre as obrigações da fazenda, a velha revista do museu e, ao meu lado, no chão, a tela do computador descansando numa imagem que o Paulo Santos fez daqui, da varanda. O Carlinhos, o menino, ele mesmo, todo perequeté, o mais jitinho da tropa, puxava a bainha da minha rede, uma, duas, três vezes. Se o fez

mais, não sei. Aí é que, definitivo, acordei da leseira que o açai me arrastava.

Sem deixar a rede, com um galeio, alcancei a moringa pra me refrescar. Joguei água em mim, na rede, em tudo que por ali se encontrava. Égua do calor sovina! E, Carlinhos, o menino, continuava, agitado. Caminhava daqui prali e se dependurava no gradil da varanda de quando em quando. Me apontava — tio, tio, tá ilhando lá pra dentro do mar!

Enfim, curioso pra ver o que ele queria me mostrar, virei-me na rede, o rosto mais pro chão que pro horizonte, e efetivamente havia ondas espumando praquela lado que o jitinho indicava. O calor tornava a paisagem ainda mais indefinida. Não era uma geleira, nem uma canoa de gado ou nada familiar. Axi, credo, que diacho era aquilo?, perguntei-me, sem demonstrar tanto interesse.

O movimento da rede não facilitava a visão. Me ajeitei, mais pra sentado que deitado, os pés espanejando o assoalho, caçando as chinelas no chão. Levantei-me, levei as mãos sobre a frente, imitando o formato de um par de binóculos. Sim, havia coisa grande ali. Como se fosse uma baleia encalhada. Mas, não, o que se via era bem maior. Claramente, seria algo longilíneo, volumoso, que se espriava...

Em meio ao oceano, o certo é que aquilo era uma nesguinha de terra, não um barco. Ou, quem sabe, apenas um tronco forte que encalhara numa coroa e que chamava pra si um tanto de entulho do mar que logo se desfaria na

próxima maré? Um peixe-cobra gigante, aquele tihoso, tão falado?

Eta menino sabido o Carlinhos, o filho, de onde é que tomara tanto reparo nas coisas diferentes? Fiquei nesse resmungamento um bom tempo, até divagar-me em nadas inconclusos. Mesmo sabendo que deveria sair da rede e investigar, insistia em elucubrar um pouco mais, desafundar minhas dúvidas. Pois não é que tinha razão o pequeno? Algo estava se ilhando lá pra dentro do mar, do mar grande, como os pescadores chamam. O mar sem fundo, que não tem retorno, o mar redondo, mar horizontal, que de longe não se vê e, de perto, não se crê.

Voltei pra rede e fiquei me apoucando de esforço naquele calor amormaçado que, aos poucos, cedia para o vento maral. No mais, era esperar o cumprimento do cotidiano, o cansar-se de tanto calor, o mudar os turnos de marés, o movimento dos bichos de pena, indo, vindo, pousando, caçando seu ponto de pernoite, os papagaios, as garças, lé com lé, cré com cré.

Chovia todos os dias, por longas horas. Estiava um pouco. As nuvens se entretinham em passeios pelo fim do mundo. Depois regressavam, solertes, presentes, bravias. O tempo era assim, nesta parte do ano. Os rios extravasados, as terras desaparecidas, num tudo-água por onde quer que se olhasse.

O movimento — só de algum tucuxi, um pirarucu na lagoa grande, já desassoalhada, um casal de ariranhas

desalojado pelo furor de águas... E, perto da beira, um jacaré-açu, ou a bateção de peixe. Novamente, ergui-me, refiz o gesto de buscar a ilha. Tentei explicar ao Carlinhos o que sentia. Depois me abstive. Até fui caçar no quarto aqueles binóculos pesados, americanos, verde-oliva, que meu pai ganhara no tempo da guerra e pouco se usava. Vivia ali, pendurado no mancebo da entrada, junto aos cajados lavrados de Soure e um par de cabeçadas pra festa do Glorioso. Havia fungos nos contornos das lentes, mas a ilha lá estava. Não havia réstia de dúvida. Agora até se observava algum relevo, pois, com a aproximação, distinguia-se o que era cor de terra e o que era água revolta.

No dia seguinte, a ilha já se coroava, um barro tabatin-goso, brilhante, que o sol expunha e não carecia se esforçar pra divulgá-la no meio d'água. E assim foram-se semanas, nós a seguir a rotina, repassando o rebanho, na preparação da ferra, curando bicheira, arribando com os cochos pra onde ainda havia algum palmo de chão. As cercas cedendo a todo tempo, as águas derrubando o que quer que fosse. É ela, o tempo dela, Carlinhos pai me consolava.

Até saí uma vez pra me desanuviar. Fui pra Belém. E ainda teve aquela viagem a Macapá. A cada retorno se percebia. A ilha crescia como um cancro. Tanto ficava mais alta como se esparralhava. Acrescido, me contou o seu Dito, o Mano Velho — até já vi umas quantas terras se afluem, como flor, o doutor sabe. É a terra querendo

brotar. Igual esta. Hum. Nunca, nem soube de outra deste tamanho por aqui. Nesta parte do rio cresce nada, só visage. E visage, mesmo, é navegante. Em água crescida só bicho graúdo — cobra-grande, boto-cego, navio-fantasma, cavalo-marinho... Só onda brava, arredia, malinando. Tem gente que até comenta — ali vai surtir montanha, vai nascer país, cidade. É da profecia. E, depois, vem gente pra ocupar o novo chão. Eu olhei-o torto, querendo não saber. Mas, de predição o Mano Velho era até bom. Deste, ninguém não negaceava, não senhor.

Verdade seja dita, o acrescido se expandia. Até um verdinho despontava. Um capinzal vistoso, bom pra engordar boiada. O menino Carlinhos, admirado, ia fazendo planos pro que chamava de *meu país*. Construía as suas *maravilhas*. De um tudo povoava aquela coroa grande. Pescador já tratava a terra como permanente, planejando cabana pra armar espera, guardar suas redes. Os peões daqui, de butuca, com coceira nas mãos, lançando olho gordo pros pastos novos...

No mais, o comentário era sobre o medo de encalhar. Ficar ali, retido, no meio do mundo, sem ter a quem recorrer. Sem haver casa pra chamar no fiado da noite. No mapa de navegação nada constava. Porém, no vivo que tão vivo, tem prático que já sabe se esgueirar e escampar das cabotinagens da maré. Notícia assim corria qual rastilho de pólvora. Evitavam. Em Macapá já se ouvia comentários no Boletim do Navegador. A rádio se adiantava, confir-

mando a conversa dos pescadores. Queriam até arranjar um nome. Falaram em um concurso. Depois, nada mais disseram.

Um dia de domingo resolveram jogar futebol ali, na Coroa Grande. O nome que deram era bom. Melhor assim. Tradicional. Fácil e bem explicado. E antes que outros inventassem coisa de mau agouro ou nome de político. Imagina se fosse Coroa Sem Fundo, Cabo do Não Sei, Ponta da Maldade, Pedra do Adeus?

Da combinação dos times, o dos casados contra os solteiros foi o que melhor ornou. E, ainda tinha aquela outra, os de fora e os da vila. Dito e feito. Foi uma farra só. O jogo terminou cedo porque a maré veio cantando enfuriada, afoita, engolindo de um tudo. Esta, sim, pra ter respeito.

O Carlinhos, o filho, foi junto. Alegria tamanha. No retorno do torneio internacional de futebol, eu e ele, na tolda do barco, deitados, admirando o pôr do sol, o tantinho de estrelas surgidas, dando nomes aos países que ele descobria. Enquanto havia luz, Carlinhos, o filho, avistava novas terras, um cocurutinho atrás do outro. E mais aquele, mais este... Parecia um cupinzal emergindo daquele mar-sertão a cada avanço que o barco fazia.

E batizava-as, feliz, mesmo que daqui a pouco não se recordasse dos nomes emprestados aos morrotinhos. Terras novas, altas horas, bem-me-quer... Isso parece até

nome de boi carreiro, eu dizia ao menino Carlinhos. E ele ria e me pedia mais ilhas. Dá uma pra mim. Vou plantar um açaí lá no meio do mar, dizia o Carlinhos, o filho, satisfeítíssimo com sua rumação.

E, pra preparar este novo plantio de açaí até se ajeitou uma canoa velha como jirau pras mudas. Ajudei o Carlinhos, o filho, a catar sementes ali mesmo, no pé do trapiche, onde a Dona Dita, mais conhecida como Dona Menina, atirava os caroços.

* * *

As chuvas não deram trégua, mesmo com o inverno recém-começado. Sizígia esta noite. Esperava-se que, com as águas crescidas, os cocurutos sucumbissem ou se desmilinguissem diante da furiosidade das águas. Correndo pra dentro e pra fora, se refluindo toda, bailava a água-grande, a água-forte, a água-viva.

Não havia governo de lua. Era ela, a maré, no comando, emproando o mundo, A Ditadura das Águas, como queria o bom padre. As terras bubuiavam, arrepiadas, o Marajó no fim de tarde, e as águas subiam, água do mar é só aleivosia, cobre as terras, se arranja pra todo lado e vem traiçoando.

Os jogos de futebol prosseguiam e já se conhecia, pelo barulho, o tanto de tempo que teríamos praia. O açaizal crescia. Um dia até finquei uns paus e armei uma rede

pro Carlinhos, o filho, descansar. Vibrou de satisfeito. Imitava meu jeito de flutuar na rede, de olhar o mundo na horizontal. Ria-se todo. Tou ilhando, tio, tou ilhando!, gritava, feliz.

* * *

Pois, na noite de Natal, quem há de se esquecer? Parou um barco pilhado de gente. Dava pra ver. Havia lua. Lua de faro-lete. Tava num dia de estiagem. A chuva deixara tudo muito nítido. O som alto. Bregão arretado. Uma bandalheira que só. Quando a música estancava, distinguia-se algo como um bater de estacas. Efetivamente, manhã adormecida Carlinhos, o filho, e eu, binóculos nas mãos, observamos um rancho enorme, a cobertura de palha, as palafitas altas. Gente que entendia do riscado, de maré, de fazer abrigo de pesca, atinei. A cada dia aquele montoadado de paus e tábuas crescia, trapiche pra cá, um bar, até um sobradinho apareceu.

Em uma semana, havia luz elétrica. Uns panos amarrados, à guisa de bandeiras. Serão boias de pesca a embarcar? Sinalização pro espinhel? Varais a secar a roupa? Quem são eles? Pescadores? Contrabandistas? Os matapis, quando chegariam? Aquele povo até adivinhava que os cocurutos cresceriam ainda mais e se casariam formando grandes pastos. De onde vinha aquela gente? Trariam gado também? Era a pergunta que mais se ouvia. O que queriam ali? Ninguém os conhecia, nem aqueles barcos,

de um formato diferente. Vigilenga não era? Nem galeota. Da contracosta também não seriam. Eras, de onde, então?

Isto é um absurdo, disse o prático, o Antonielson, quando veio tirar um dedo de prosa com a gente. Prosa e café, café com bolo de macaxeira, merenda completa, como tanto apreciava. Muito leite, bem doce. Ele sim, apaixonado pelo nosso cantinho.

O povo da terra é que é feliz, repetia, arreliando com todo mundo. Aqui, na rede, vendo o mundo passar. A gente, povo das canoas, pelo contrário, não sabe onde vai dormir amanhã. Ninguém adivinha quando volta pra casa. Maré não deixa, nunca deixa. Plano? Não faço mais. Nesta vida? Nem na outra. Não faço.

Eu assentia, calado, admirado com tanta coragem. Varar o Canal Perigoso, no escuro, só Tateando o vento e a correnteza, perseguindo a veia da água, ouvindo as vozes do fundo, os viventes das profundidades, lá de baixo os resumos das águas, o canal de bem, o canal de mal.

Ninguém daquele povo veio aqui. Nem pra pedir uma xícara de açúcar. Axi! Um pedaço de corda, uma mezinha pra dor de cabeça, nadinha, uma boa-tarde, uma benção! Carlinhos, o pai, até achava que aquele povo não falava nossa língua. São da Guiana? Ou já é gente dos chineses que está chegando, como tanto se comentava. Se vieram em dia de Natal, nem cumpriam com o dever de Cristo nascido no outro Belém. Religiosos não seriam, ou, talvez, de outra religião, com outro calendário.